



FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**ESPORTE DE AVENTURA: UMA VISÃO GERAL DO PERFIL DE SEUS
PRATICANTES**

Valéria Santiago Adorno Reis

Orientador: Prof. Esp. Vinícius Ramos Rezende

Trindade-GO

2017

FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**ESPORTE DE AVENTURA: UMA VISÃO GERAL DO PERFIL DE SEUS
PRATICANTES**

Valéria Santiago Adorno Reis

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade União de
Goyazes como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Educação Física.

Orientador: Prof. Esp. Vinícius Ramos Rezende

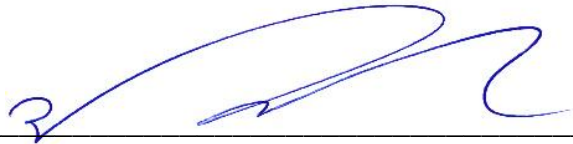
Trindade-GO

2017

Valéria Santiago Adorno Reis

**ESPORTE DE AVENTURA: UMA VISÃO GERAL DO PERFIL DE SEUS
PRATICANTES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade União de
Goyazes como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Educação Física.



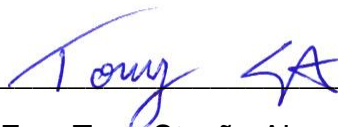
Prof. Esp. Vinícius Ramos Rezende

Faculdade União de Goyazes



Prof. Ms. Fernanda Jorge de Souza

Faculdade União de Goyazes



Prof. Esp. Tony Stevão Alves da Silva

Professor convidado

Trindade-GO

2017

ESPORTE DE AVENTURA: UMA VISÃO GERAL DO PERFIL DE SEUS PRATICANTES

Valéria Santiago Adorno Reis¹
Vinícius Ramos Rezende²

RESUMO

Este estudo de natureza descritiva explicativa objetivou investigar o perfil dos praticantes do Esporte de Aventura (EA), bem como os motivos para buscarem essas atividades. O estudo contou com uma pesquisa exploratória, desenvolvida por meio de questionário, com amostra de 69 participantes em Goiânia. Os praticantes, em sua maioria, são adultos acima dos 25 anos, formação superior e boa estrutura familiar e financeira, motivados principalmente, pelo contato com a natureza, que gera a superação de desafios, tendo ganhos na saúde física e psicológica. Apesar dos riscos, concluiu-se que os praticantes do EA são comprometidos com a vida.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte de aventura, perfil, motivação

ADVENTURE SPORT: AN OVERVIEW OF THE PROFILE OF ITS PRACTITIONERS AND THEIR MOTIVATION

ABSTRACT

This study of descriptive explicative nature aimed at investigating the profile of the adventure sports (AS), just like the motives to search those activities. The study counted in the exploratory research, developed by means of questionnaire, with sample of 69 participants in Goiânia. The practitioners, mostly, are adults above 25 years old, higher education and good familiar structure and financial, motivated principally by the contact with nature, which generates the overcoming of challenges, having gains in the physical and psychological health. Despite the risks, it was concluded that the AS are committed with the life.

KEY WORDS: Adventure sport, profile, motivation

1 Acadêmica do curso de Educação Física da Faculdade União de Goyazes

2 Orientador: Prof. Esp. Vinícius Ramos Rezende, Faculdade União de Goyazes

SUMÁRIO

Introdução	1
Metodologia	3
Resultados e discussão	4
Tabela 1 – Relação dos dados sócio demográficos	4
Quadro 1 – Diferenças entre o esporte de ação e o esporte de aventura	8
Tabela 2 – Experiência de prática e causa de acidentes	10
Tabela 3 – Benefícios ganhos com a prática do EA	12
Tabela 4 – Motivação para a prática do EA	13
Conclusão	15
Referências bibliográficas	16

INTRODUÇÃO

O termo esportes radicais é abrangente, Fernandes (1998) *apud* Pereira, Armbrust e Ricardo (2008, p. 27), o define como “conjunto de práticas corporais diferenciados por sua aproximação com a natureza ou interação com obstáculos urbanos, e por expressar valores que contestam os padrões antes estabelecidos”. Mas o autor chama a atenção para o fato de muitos praticantes fugirem do rótulo ao apontar o estudo de Paiva (1999) que mostra a aversão de escaladores pelo termo “radical”, termo este, que engloba os esportes de ação e aventura.

De acordo com Immonen (2017), as pesquisas mais recentes atribuem, mesmo às formas mais extremas dos esportes radicais (ação e aventura), os benefícios físicos e psicológicos, citando, além do bem-estar e saúde, a oportunidade de obter a autonomia, melhora dos relacionamentos, resiliência entre tantos outros benefícios. A necessidade humana é de buscar na natureza a reposição das energias e “forças esvaídas no estresse urbano” e devido “ao grande vazio existencial, incômodos permanentes e perda de valores que acontece na sociedade atual, motivando o ser humano a procurar algo desconhecido e desafiador” (SCHWARTZ E FILHO, 2006, p. 103).

Segundo Silva *et al* (2011, p. 2), na contemporaneidade, com o progresso da ciência, houve a separação do homem e natureza, e “por meio de práticas corporais na natureza, os seres humanos podem se ver como elemento universal”. Nesse distanciamento da natureza, em especial no ocidente, “a organização social e cultural busca, sobretudo, controlar os perigos que possam prejudicar a coletividade (p. 569), gerando na sociedade a necessidade voluntária de romper com a rotina e buscar a aventura, e essa “necessidade, na maioria das vezes, é proveniente do aumento do controle emocional na vida das pessoas adultas na atual sociedade de consumo” (PAIXÃO *et al*, 2010, p. 569, 570).

Em seu estudo, Spink *et al*. 2005, encontrou três teorias que procuram explicar o comportamento de risco, como a teoria da *busca de sensações* (sensationseeking) de Zuckerman (1979). SensationSeekingScale (Escala da Busca de Sensações) foi construída para avaliar os traços de personalidade de busca de emoção e aventura, desinibição, busca de experiência e susceptibilidade ao tédio. Mas essa escala é

usada tanto para medir os construtos da personalidade, como medida de preferência ao risco. A teoria do *fatefulactivities* (atividades fatais) e a possibilidade de expressão do caráter de Goffman (1972), que de acordo com Spink, o autor diz que “o caráter engloba aspectos variados tais como coragem, galanteria, integridade e compostura. Alguns destes aspectos podem manifestar-se em momentos seguros e rotineiros [...] outros quando a prudência é descartada” (p. 28). A experiência do *flow* (fluxo) ou experiência ótima, é a teoria criada pelo professor e psicólogo croata Mihaly Csikszentmihalyi (1970), onde a mente e o corpo fluem em perfeita harmonia, o estado de excelência caracterizado por alta motivação, concentração, energia e desempenho (SPINK *et al* 2005).

Para a análise do perfil dos praticantes, foi escolhida as modalidades escalada e parapente. A escalada é um esporte que utiliza técnicas do montanhismo e é dividida em modalidades: escalada de bloco ou boulder, praticado em rocha ou muro de treino, onde é exigido a força física de explosão e; escalada livre, feita em vias abertas na rocha com utilização de equipamentos específicos e técnica vertical, podendo ser praticado individualmente ou em grupo (PEREIRA, 2013). O parapente, modalidade que, de acordo com Spink e colaboradores (2005), é regulamentada e fiscalizada pelo Departamento de Aviação Civil, e consiste na decolagem a partir de um salto em uma rampa no alto de uma serra ou montanha que proporciona “um voo de algumas horas [...], sendo que para isso o piloto aproveita as correntes de ar quente e o vento [...]. Permanecendo sentado durante o voo, utiliza uma asa não rígida, inflável, além de equipamentos de segurança” (p. 33). O parapente surgiu por uma adaptação do paraquedas para suprir a necessidade dos montanhistas para descer depois de escaladas longas, por isso o parapente é classificado como uma atividade de montanha.

O interesse pelo esporte de aventura e a necessidade de esclarecer o conceito de frieza, irresponsabilidade e suicida que em muitas situações acompanha o esportista, despertaram o interesse por este estudo.

Portanto, o objetivo geral deste estudo é traçar o perfil e a motivação que leva as pessoas a praticarem o esporte de aventura, tendo como objetivos específicos, diferir o esporte de aventura do esporte de ação, verificar até que ponto os riscos são mesmo existentes.

METODOLOGIA

Este estudo é descritivo explicativo abordando o método qualitativo por estar, segundo Vieira e Hossne (2015, p. 2), “relacionada com o significado que as pessoas atribuem a suas experiências do mundo e com o modo como entendem o mundo em que vivemos”, e Minayo (2004, p. 22) que defende o “conjunto de fenômenos humanos é entendido como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilha com seu semelhantes”. E para o embasamento teórico o estudo contou com dados quantitativos. O caráter exploratório se deu pela necessidade de trabalhar motivos, atitudes, sentimentos, crenças e valores e intenções.

No primeiro momento realizou-se uma revisão bibliográfica para constituir um referencial teórico para discussão posterior. A amostra constituiu-se inicialmente de 87 praticantes das modalidades escalada e voo livre parapente, sendo 42 escaladores e 45 pilotos, homens e mulheres com idade de dezoito a sessenta e cinco anos e com o tempo mínimo de seis meses de prática.

As entrevistas foram realizadas na academia Vertical Escalada e escola Cia do Vento Parapente e Paramotor, ambas em Goiânia. Foi considerado o nível de significância de 5%, com o intervalo de confiança de 95%. No entanto, 7 escaladores a mais responderam à pesquisa, no parapente 4 pessoas se recusaram a participar da pesquisa, 9 praticantes foram excluídos por terem o tempo de prática inferior a seis meses, e 5 pilotos que não estavam no Estado de Goiás na ocasião da coleta dos dados, concluindo a pesquisa com 69 participantes. Para a coleta de dados foi aplicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, ficando uma via com o entrevistado e outra com a pesquisadora, e se deu por meio de questionário com 18 perguntas abertas e fechadas, utilizando para tal, o questionário, prancheta, caneta esferográfica, e para o áudio foi utilizado o aplicativo “gravador” do aparelho celular modelo XT1069 MOTO G 2ª geração, após o projeto ser aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade União de Goyazes sob protocolo número 027/2017.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 69 praticantes do esporte de aventura nas modalidades escalada (49) e parapente (20). A faixa etária de maior prevalência foi de 26 a 35 anos (49,3%), com participação de 54 homens (78,3%), e 15 mulheres (21,7%), sendo essa distribuição com significativa diferença entre os sexos ($P < 0,01$). Em relação à escolaridade, 57 (82,6%) participantes tinham o ensino superior completo ou incompleto. 27 (39,1%) declaram renda familiar acima de sete mil reais, e estado civil 46 (66,7%) solteiros, enquanto 23 (33,3%) se declarou casado, e entre os solteiros apenas 7 (10,1%) mora sozinho.

Tabela 01 – Relação dos dados sócio demográficos.

	Masculino	Feminino	Valor geral
Faixa Etária			
18 a 25	27,8%	26,7%	27,5%
26 a 35	48,1%	53,3%	49,3%
36 a 45	13,0%	20,0%	14,5%
46 a 55	11,1%	0,0%	8,7%
Nível de Escolaridade			
Até o ensino médio completo	22,3%	0,0%	17,3%
Ensino Superior Incompleto	33,3%	27,5%	27,5%
Ensino Superior Completo	42,6%	60,0%	46,4%
Mestrado/Doutorado	1,9%	33,3%	8,7%
Estado Civil			
Solteiro	64,8%	73,3%	66,7%
Casado	35,2%	26,7%	33,3%
Com Quantas Pessoas Mora			
Sozinho	11,5%	6,7%	10,4%
Até 3 pessoas	67,3%	73,3%	68,7%
4 pessoas acima	21,1%	20,0%	20,9%
Renda Familiar			
Abaixo de R\$ 3.000,00	3,7%	0,0%	2,9%
R\$ 3.001,00 a R\$ 5.000,00	38,9%	26,6%	36,2%
R\$ 5.001,00 a R\$ 7.000,00	16,7%	40,0%	21,7%
Acima de R\$ 7.001,00	40,7%	33,3%	39,1%
Modalidade Esportiva			
Escalada	70,4%	29,6%	71,0%
Parapente	73,3%	26,7%	29,0%

Fonte: AUTORA

Nos dados sócio demográficos apresentados na tabela acima, a faixa etária de 18 a 25 anos foi de 27,8% masculino e 26,7% feminino. A faixa de 26 a 35 anos, 48,1% masculina e 53,3% feminina, sendo esta faixa etária a mais prevalente com 49,3% no seu valor geral. Ainda no valor geral, a faixa etária de 36 a 45 anos ficou em 14,5% e da 46 a 55 anos com 8,7%, sendo que esta última faixa é composta apenas pelo sexo masculino e da modalidade parapente.

Quanto ao nível de escolaridade, até o nível médio completo foram 22,3% apenas masculino. Do ensino superior incompleto foram 33,3% masculino e 27,5% feminino. A maior prevalência foi o ensino superior completo com 42,6% masculino e 60,0% feminino, e o mestrado/doutorado com 8,7% no valor geral. E do total dos entrevistados, 66,7% são solteiros enquanto 33,3% são casados, e do total dos solteiros, apenas 10,4% moram sozinhos. Os demais, 68,7% moram com até 3 pessoas e, 20,9% moram com 4 pessoas ou mais. Já a renda familiar ficou em 2,9% abaixo de três mil reais, 36,2% até cinco mil reais, 21,7% até sete mil reais, e a maior prevalência foi acima dos sete mil reais com 39,1%. Das modalidades participantes do estudo, 71,0% foi participação da escalada e 29,0% de participação do voo livre parapente.

As profissões exercidas pelos participantes são diversificadas, sendo que 10 (14,5%) são estudantes; 8 (11,6%) são engenheiros; 7 (10,1%) são empresários. Médico, advogado, professor, biólogo e publicitário tiveram 3 (4,3%) representantes em cada e, 1 (1,4%) das demais profissões: tele operador, instrutor de escalada, auxiliar administrativo, técnico judiciário, fisioterapeuta, psicólogo, piloto, atleta, designer, alpinista industrial, gestor de RH, fiscal agropecuário, analista de sistemas, terapeuta ocupacional, funcionário público, bancário, contador, gestor de TI, jornalista, instrutor de voo esportivo, arte finalista, policial civil, recepcionista, auxiliar técnico e estagiário.

A diferença no número de participação feminina no esporte de aventura, segundo Schwartz e colaboradores (2013), se dá pela desigualdade de gênero, onde a sociedade faz o estereótipo da mulher que deve ser “bela, feminina e maternal, desconsiderando-se, ainda, toda sua potencialidade em outros papéis”, e ainda que é frágil e incompetente para esse tipo de esporte, (p. 59). No entanto, os autores acima citados, citam Simões (2004) que diz que as mulheres participantes

do EA “abrem mão da chamada passividade, ternura e obediência em troca da assertividade, agressividade e ambição, ou seja: de assumir um comportamento sui generis que incorpora quaisquer tipos de estereótipos sexuais” (SIMÕES, 2004, p. 28 *apud* SCHWARTZ *et al*, 2013).

Mas essa diferença de participação feminina e masculina pode ser maior ou menor dependendo da população amostral que a pesquisa abrange. Pois no contexto social da mulher moderna, forte, determinada, competente e maternal, características encontradas nas participantes deste estudo, começa a acontecer o avanço da inserção feminina no esporte de aventura, citando aqui o Festival Cocalcinhas – Mulheres de Pedra (entre rochas, flores & calcinhas), evento de escalada para mulheres que acontece em Cocalzinho-GO, localizado no Parque dos Pirineus em Goiás, evento que, em 2017, alcançou sua sexta edição (GOOUTSIDE, 2016).

Mas vale ressaltar que, apesar de o festival ser um evento idealizado, criado e organizado pelas mulheres e ser totalmente dedicado a elas, ele não tem caráter feminista e de exclusão. Ao contrário, o público masculino é convidado a participar e é muito bem aceito no evento, onde acontece também várias atividades paralelas como aulas de ioga, culinária entre outros, bastando para isso, “entrar no climado Cocalcinhas” (FESTCOALCINHAS, 2016).

O EA vem despertando o interesse de muitas pessoas, principalmente a partir do final do século XX e que, no conceito de Costa (2000), surgiu com a lógica atual, interagindo com a incerteza política, econômica, social e cultural. Mas de acordo com Almeida, 2005, existem estudos psicológicos que

“Presumem que a personalidade é a responsável pela participação ou não em atividades que envolvam risco [...] considerando que o perfil do praticante está diretamente relacionado ao tipo de envolvimento que estará disposto a obter com os EA, podendo ser de forma de trabalho ou apenas como lazer” (ALMEIDA, 2005, p. 56).

Paixão e Tucher (2010) afirmam que o número cada vez maior de pessoas de diferentes faixas etárias, níveis sociais, formação cultural e profissional que

aderem ao EA configura a realidade atual, desmistificando a ideia de que os esportes radicais estavam voltados ao público juvenil. Esse resultado corrobora com a literatura ao mostrar que, contrário à ideia de que o EA é sinônimo de esportes juvenis ou de subculturas, é que os praticantes representam uma ampla demografia, incluindo homens e mulheres de várias faixas etárias e níveis de educação e renda (IMMONEN 2017).

Mas no mundo dos esportes radicais o envolvimento das pessoas se dá pela “intensidade da emoção sentida nessas vivências” (PEREIRA *et al* 2008, p. 27), e a busca pela emoção não é objeto de desejo apenas juvenil, por isso a necessidade de classificar os esportes radicais, distinguindo esporte de ação do esporte de aventura pelas particularidades de cada tipo, e Pimentel (2013, p. 690) afirma que os critérios para a prática na natureza são diferentes e incluem o “baixo nível de previsibilidade, menor estereotipia de movimentos, disposição ao risco, busca por emoções, presença de novas tecnologias e, claro, o contato com a natureza”.

Ferreira (1989) *apud* Pereira, Armbrust e Ricardo (2008, p. 28), diz que o significado de ação é: “movimento; atitude ou comportamento; manifestação de força e energia; capacidade de fazer algo”, enquanto que aventura “significa “o que está por vir”, com o sentido de desconhecido, imprevisível”. Os autores acima citados ainda explicam que a “ação é um gesto técnico complexo que traduza a sua emoção, a chamada “manobra””. O surf, sky surf, bungeejump, skate, por exemplo, são esportes que se traduzem em ação. E a aventura “liga-se ao sentimento de buscar algo que não é tangível no primeiro momento [...] principalmente aquelas onde a distância, o clima, o esforço físico, a privação e a incerteza estão presentes” (p. 28), sendo o mergulho, canoagem, paraquedismo, balonismo, voo livre, montanhismo (que abrange escalada em rocha, técnicas verticais, tirolesa, rapel, arvorismo), mountain bike, trekking, representantes da vertente aventura (PEREIRA, ARMBRUST, RICARDO, 2008).

Os autores acima citados, em seu estudo, fizeram a classificação dos esportes radicais, explicitando assim, as características de cada segmento. E a partir dessa distinção não será utilizado mais neste estudo o termo “radical”, nos detendo especificamente no esporte de aventura que é o objeto deste estudo.

Segue abaixo o quadro que mostra bem as diferenças dos segmentos.

Quadro 1: Diferenças entre o esporte de ação e o esporte de aventura.

ESPORTES RADICAIS		
Característica	AÇÃO	AVENTURA
Habilidade	Predomina a estabilização	Predomina a locomoção
Capacidade física	Predomina a força potente A velocidade das manobras exige força e velocidade	Predomina a resistência A estratégia e a escolha ganham importância
Surgimento	Como atividade de lazer e uso do tempo livre	Como expedição ou exploração (militar, econômica ou científica)
Etimologia	Manifestação de força e energia, movimento, comportamento, e atitude	Experiências arriscadas, incomuns, perigosos e imprevisíveis
Objetivo	O lazer é o principal motivo. As competições geram eventos de grande importância	Forte relação entre lazer e turismo Usado como educação
Local	Urbano e natureza Espaços construídos e eventos da natureza (onda, vento)	Natureza e urbano Espaços naturais (a meta é sair de um ponto e chegar a outro)
Público	Média entre 15 e 25 anos	Média entre 25 e 35 anos
Perigo	Socorro mais próximo. Menor ação do clima	Socorro mais distante. Maior ação do clima
Organização	Existem regras, associações e formação de tribos	Existem regras, associações e formação de equipes
Mídia	Busca captar a manobra. Relaciona-se com público alvo na: atitude, vestimenta, comportamento e linguagem	Busca captar uma história Relaciona-se com o público alvo na ecologia, qualidade de vida e meio ambiente

Fonte: PEREIRA; ARMBRUST; RICARDO, 2008

Em relação ao risco no EA, alguns dos entrevistados, dentre os que nunca sofreram acidente no esporte, sequer o considerou, visto que, de acordo com os entrevistados, a chance de sofrer um acidente no cotidiano é muito maior do que sofrer um na prática do esporte.

No entanto, Próchniak (2017), ressalta que existem várias dimensões dos muitos riscos ligados à possibilidade de ferimentos graves até à morte, uma vez que estes são o centro do EA. Mas o autor ainda ressalta que o risco é subjetivo, variando de pessoa para pessoa, onde uma mesma situação pode ser de alto risco para uma pessoa, e de baixo risco para outra, dependendo da experiência e qualificação de cada um.

Mas Paixão *et al* (2010, p. 569), diz que “o risco constrói-se nas condições sociais e culturais de cada comunidade”, mas no esporte de aventura são observados os cuidados com a “integridade física e mental do praticante, condicionamento físico, o desenvolvimento de habilidades [...] equipamentos e vestimentas apropriadas”, entre diversos outros cuidados que são observados. No mesmo argumento, Massetto e Moretti (2013, p. 47), afirmam que o risco-aventura, o risco desejado, “não é lançar-se aos riscos de forma ingênua e contando simplesmente com a sorte”, há a preparação, equipamentos e tecnologia como suporte.

Confirmando este estudo, a falados entrevistados sobre os riscos na prática do EA não teve o teor de perigo à integridade física. Salientou-se a segurança propiciada pelos equipamentos, treinamentos e respeito à natureza, mostrando a seriedade e responsabilidade com que assumem a aventura, o que pode ser verificado em trechos da fala de um piloto, que concentra a opinião geral dos entrevistados.

P1: *“O voo é muito seguro, o acidente só acontece quando você desafia a natureza [...]. Se você voa por prazer, respeita a natureza é muito difícil você sofrer um acidente, mas se você voa pra aparecer pra alguém, se acha o bão ou desafia o tempo impróprio, não observa os dados da meteorologia você corre um grande risco. [...] É o mesmo caso de você comprar uma moto grande. Se respeitar os sinais do trânsito, as leis e os limites da moto, você vai ter uma moto boa pra vida toda, mas se andar como um doido cortando os carros e passando o sinal fechado, tem grande chance de quebrar a cara”.*

O campeão sul-americano de paramotor e instrutor de voo esportivo defende a segurança que existe no esporte e explica como o risco pode acontecer.

P2: *“O risco está muito aliado as atitudes do piloto. [...] Um dos fatores principais é o respeito à natureza e aos seus próprios limites. Um piloto está sempre em evolução e respeitar os estágios de aprendizado é fundamental p/ manter sua segurança em dia. Praticamente em todos os acidentes que acontecem no esporte, o piloto tem uma grande parcela de culpa e geralmente está aliado a alguma irresponsabilidade de sua parte. Claro que como em todo esporte, podem acontecer*

situações em que o piloto não teve como agir, mas são casos raros. Normalmente os acidentes são por uma falha de análise do equipamento adequado p seu nível, falha de análise da condição meteorológica ou irresponsabilidade do piloto”.

O comportamento de responsabilidade dos praticantes do EA é percebido desde os iniciantes aos veteranos, que afirmam ser importante a prática de exercício físico para o EA e têm uma média regular de prática de duas a três vezes por semana (47,8%). Entre as atividades mais praticadas estão a caminhada/corrida (31,3%), ciclismo (21,9%) e musculação (13,5%). Bem como a preocupação com a manutenção dos equipamentos (95,7%), embora (4,3%) tenha declarado nunca se preocupar com o equipamento. E a tabela abaixo confirma o que foi dito pelo campeão sul-americano de paramotor e instrutor de voo esportivo sobre a responsabilidade do esportista em relação aos acidentes.

Tabela 2 – Experiência de prática e causas de acidentes.

Tempo de prática do EA	Porcentagem
De 6 meses a 2 anos	50,7%
3 anos acima	49,2%
Causa do acidente na prática do EA	
Nunca sofreu acidente	58,9%
Erro de execução	16,4%
Erro de planejamento	8,2%
Causa natural/ambiental	8,2%
Falha de equipamento	4,1%
Falta de conhecimento	4,1%

Fonte: AUTORA

Apesar de a experiência ser um fator determinante, esta não foi citada como quesito de segurança pelos entrevistados. Mas na experiência vivenciada, o risco é suprimido pela segurança do equipamento e a experiência e conhecimento do escalador e do piloto. A adrenalina, que geralmente está ligada ao risco, ocorre na verdade, quando a força física e resistência chegaram ao seu limite quando alcançou apenas cinquenta por cento da rocha e, ao vislumbrar o topo, a necessidade de alcança-lo faz romper a barreira do limite superando a impossibilidade, o que gera a sensação de poder, superação e liberdade. Nesse instante a escalada deixa de ser a “escalada pela escalada” e passa a ser a “escalada pela vida”, onde o ser humano se encontra com sua verdadeira essência

de ser forte e rompe com um desafio ou dificuldade real da sua vida pessoal, emocional ou psicológico. Da mesma forma que, ao vencer a gravidade e alcançar as alturas, rompe com as amarras de uma realidade de rotina desgastante, abrindo os sentidos para uma liberdade aliada à natureza que abraça a alma, abrindo a visão para um mundo que é muito maior do que os obstáculos criados no dia a dia.

Durante a vivência dessas experiências, foi observada a responsabilidade e a estrutura emocional e psicológica dos participantes de ambas as modalidades, que detém muita atenção aos cuidados e planejamento da atividade, e somado à experiência de prática, a única preocupação é realmente a de vivenciar o momento em que a vida acontece na sua totalidade, onde a mente e o corpo fluem em perfeita harmonia, como é descrito na teoria do flow de Csikszentmihalyi (1970). Segundo Lavoura, Schwartz e Machado (2008), os riscos aqui experimentados, levam a uma série de significados através dessa “simbiose” do corpo com a natureza, e diz que a conexão entre risco e aventura é “valorizada pela possibilidade de novas buscas e descobertas” (p. 120). E saindo do ambiente cotidiano, mergulhando na natureza através dos EAs “o risco e a busca por desafios apresentam-se como uma condição sinequa non para a realização dessas práticas desportivas” (PAIXÃO *et al*, 2010, p. 569).

“Os EA são esportes de risco na medida em que oferecem sempre a possibilidade de desafiar tanto o ambiente natural como as habilidades pessoais do praticante. Esse fator de risco auxilia na formação de uma identidade em que o companheirismo e a vivência de uma atividade leva à eficiência, fazendo com que o indivíduo sinta-se em harmonia consigo mesmo e com a natureza” (ALMEIDA, 2005, p. 59).

Por esse contato com a natureza e o encontro desses sentimentos e emoções, a prática do EA propiciou aos entrevistados, benefícios tanto físicos, quanto psicológicos e sociais. No aspecto físico assinalaram ter a melhora da resistência física, da força muscular, da flexibilidade, da saúde e do peso corporal, enquanto que no aspecto psicológico os benefícios foram a melhora na autoestima, na autoconfiança, melhora da depressão para os que portavam o problema; houve o alívio do estresse, maior autonomia e maior bem-estar. Já no aspecto social a melhora foi notada na maior cooperação, fato esse que pôde ser observado durante

as visitas na academia, e, houve melhora na responsabilidade, na solidariedade, superação e união. As somas ultrapassaram cem por cento devido à maioria dos entrevistados assinalarem todas ou quase todas as alternativas

Tabela 3 – Benefícios ganhos com a prática do EA.

Benefícios físicos	Melhora da resistência física	79,7%
	Melhora da saúde	78,3%
	Melhora da força muscular	69,6%
	Melhora da flexibilidade	58,0%
	Melhora do peso corporal	56,5%
Benefícios psicológicos	Maior bem-estar	75,4%
	Melhora da autoestima	65,2%
	Alívio do estresse	63,8%
	Melhora da autoconfiança	60,9%
	Maior autonomia	43,5%
	Melhora da depressão	27,5%
Benefícios sociais	Maior superação	60,3%
	Maior união	58,8%
	Maior cooperação	57,4%
	Maior solidariedade	50,0%
	Maior responsabilidade	47,1%

Fonte: AUTORA

Sustentando o resultado encontrado, Próchniak (2017, p. 1) diz que as consequências positivas da prática do EA são multifacetadas, ela traz a melhoria do bem-estar psicológico e social, “o sentimento de estar saudável, socialização, gerenciamento de riscos, assumir responsabilidade por si mesmo e pelos outros, aprendizagem e melhora das habilidades, sentir-se mais feliz e relaxado vivendo profundamente a natureza”. Mas Immonen (2017, p. 2), diz que, geralmente esses benefícios são ignorados, “pois as sociedades modernas estão cada vez mais focadas no fornecimento de ambientes comportamentais “seguros” que reduzem os riscos físicos para seus membros”.

As experiências vividas no EA divergem da previsibilidade vivida pelas pessoas no seu cotidiano, pois essas condições exigem do praticante estratégias e ações rápidas não só para concluir uma manobra ou atingir o objetivo, mas também para resguardar sua integridade (PAIXÃO *et al*, 2010).

O mesmo autor diz que o ser humano vive numa redoma sensorial, que é formada pelo conjunto de conhecimento como as sensações confiáveis e dominadas, como os “sons, odores, tato, cinestesia, noção de distância,

temperatura, sabores e outros” (p. 568), adquirido pela vivência cotidiana, tornando essa redoma sensorial ordinária, o que leva o indivíduo a desenvolver hábitos automáticos e a não dar mais a devida atenção a situações como esperar o semáforo passar para o verde para atravessar a faixa, organização doméstica e todas as situações do dia a dia, por serem “velhos conhecidos”.

Lavoura, Schwartz e Machado, 2008, concorda que a procura pelos esportes de aventura na natureza pode oferecer uma vivência fora do cotidiano comum, em que o risco calculado é amparado pela tecnologia e capacitam os indivíduos a se lançarem na aventura, encontrando os atrativos obstáculos da natureza, que proporciona o prazer da realização e superação do desafio, “justamente pelo diálogo corporal com o ambiente gerador de uma complexa produção de pensamentos, sensações e emoções, tanto do ponto de vista sensorial, como afetivo” (p. 124).

O motivo que leva à prática do EA foi uma pergunta subjetiva para dar maior liberdade ao entrevistado em sua resposta. E além de citar como motivação alguns dos benefícios citados acima, o motivo maior é o contato com a natureza 21,2%, superação, bem-estar e adrenalina com 18,2%, desafio 15,2%, amigos 13,6%. A soma foi superior a cem por cento devido à algumas pessoas citarem vários motivos.

Tabela 4: motivação para a prática do EA.

MOTIVAÇÃO	PORCENTAGEM DE CASOS
Contato com a natureza	21,2%
Superação, bem-estar e adrenalina	18,2%
Desafio	15,2%
Amigos	13,6%
Autoconhecimento e amor ao esporte	10,6%
Condicionamento físico	9,1%
Liberdade	7,6%
Alívio do estresse	6,1%
Saúde	4,5%
Evolução físico mental e prática de exercício	3,0%
Prazer, sair da rotina, diversão e conhecer lugares	1,5%

Fonte: AUTORA

As pessoas buscam fugir da agitação e cobrança constante da vida moderna, usando para isso a prática dos esportes de aventura, onde encontram o prazer do contato com a natureza e meios de superação, desafios, alívio do estresse entre outros.

As diversas modalidades dos esportes de aventura praticados na natureza reúnem o conjunto de elementos extraordinários ligados ao fator risco, o que permite superação, desafio, emoções e sensações, que resultam no bem-estar e sentimento de liberdade promovendo a saúde tanto física quanto emocional e psicológica (PAIXÃO *et al*, 2010). Há que se considerar que o risco presente nesses esportes, exige condicionamento físico, desenvolvimento de habilidades necessárias, equipamentos e hidratação entre outros cuidados, salientando ainda que as pessoas que procuram pelas atividades de risco não são suicidas, e sim, pessoas que buscam viver o prazer das situações de risco oferecidas por essas modalidades (PAIXÃO *et al*, 2010).

Para Próchniak (2017), a busca pela aventura e o risco é uma experiência para aprender novas habilidades que exigem todos os sentidos e cognição, e sendo esses fatos baseados na experiência pessoal, envolve relacionamento com pessoas e com a natureza. Ashcroft (2001) *apud* Paixão *et al* (2010), diz que o homem convive com situações de risco desde os tempos clássicos, riscos geralmente ligados aos fenômenos naturais como clima, relevo, temperatura, mas que, com o avanço da tecnologia o homem enfrenta novos desafios. Mas Weineck (2003) diz que nesse “avanço tecnológico”, a falta do exercício físico e o aumento do estresse psicológico alteram os ciclos hormonais e bioquímicos desfavorecendo a saúde, uma vez que os hormônios liberados nas situações estressantes, além de não de ajudar a resolver os problemas, eles “não serão eliminados através da necessidade de lutar ou fugir, ele irá provocar outras reações no organismo” (p. 42).

Corroborando com este estudo, Immonen *et al* 2017, diz que, apesar de as várias teorias proporem que a participação nos esportes de aventura como busca por emoção, excitação ou busca por adrenalina, as pesquisas recentes mostram que essas explicações são simplistas e não reportam a experiência vivida dos participantes que rejeitam a sensação de emoção e adrenalina, mas ao contrário, o descrevem como significativa e realista, satisfazendo necessidades psicológicas

básicas como autonomia, competência e relacionamentos, superação de desafios, emoções intensas, resiliência, auto eficácia, melhor condição física, conexão com a natureza. Schwartz e Filho (2006), apontam que há a necessidade humana de estar na natureza para repor as energias e revigorar as forças que são consumidas no estresse cotidiano e fuga da rotina.

De acordo com Almeida (2005), “as pessoas participam de esportes arriscados para obter uma nova identidade e à medida que permanecem em um esporte de risco suas habilidades se aprimoram por adquirir um padrão cada vez mais alto de exigência” (ALMEIDA, 2005, p. 59). E afirma ainda que, conforme se “envolvem com o esporte de aventura, os grupos vão sendo formados, auxiliando na camaradagem e na convivência como uma comunidade de interesses comuns” (ALMEIDA, 2005, p. 59).

CONCLUSÃO

Com base nas análises dos instrumentos de avaliação, conclui-se que os praticantes do EA são pessoas, na sua grande maioria, jovens adultas e adultas com grau de instrução superior, com renda familiar mais elevada, acima dos sete mil reais, e possuem vivência familiar, profissional e socialmente estruturadas, que buscam o EA por prazer e pela necessidade do contato com a natureza, num reencontro com sua totalidade, e da fuga da rotina.

A busca pela aventura e o risco calculado não se dá pelo desafio à vida, uma vez que o risco é elemento constante do cotidiano, nem tampouco, simplesmente pelo prazer ou emoções fortes, mas pelo que está mais profundo, intrínseco com a vida real como um todo. É o que está ligado à essência humana que é parte da natureza e por ela é desafiado a todo instante a ser responsável, cauteloso, atencioso, ao mesmo tempo que exige força, agressividade, ação rápida e independência.

Faz parte da natureza humana, enfrentar riscos e desafios para se desenvolver em muitos aspectos ou, são motivados pelo primitivo, na busca para se manter soberano sobre as circunstâncias e conquistar territórios, características

essas que foram substituídas pelo comportamento domesticado exigido pelo mundo contemporâneo que escraviza pelo trabalho, e onde se deve seguir regras de segurança para a “proteção” de todos. Em razão dessa reintegração com a natureza, são alcançados os benefícios no físico, psicológico e social que foram amplamente relatados pelos entrevistados. E é nessa prática que também encontram uma identidade e um alto padrão de exigência, bem como a vivência com pessoas afins.

Apesar de os participantes não considerarem o risco como uma ameaça, a estatística mostra que os riscos existem e que o número de acidentes é alto, 41%, e destes, apenas 8,2% é por causa natural. No entanto, o risco é diretamente ligado à aventura, sendo ele a chave que desperta a atenção para os cuidados de execução para preservar a integridade física, enquanto que o aspecto mental e psicológico é beneficiado pela realização e conquista dos desafios, da superação que resulta no bem-estar e autoestima, resultando em pessoas equilibradas e conscientes do valor da vida experienciada na sua liberdade e totalidade.

O perfil dos praticantes do EA é de pessoas profundamente comprometidas com a vida no seu sentido mais profundo, de liberdade, com anseio de buscar a essência que se perdeu com a sua separação da natureza, onde encontra o verdadeiro significado de cooperação, preservação, companheirismo, solidariedade, saúde, liberdade e respeito.

Apesar de existir uma gama de estudos envolvendo o esporte de aventura, sugerimos outros estudos sobre os efeitos dessas práticas como auxílio no tratamento da depressão e superação de dificuldades subjetivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. C. P. C. **Esporte de Aventura na Natureza: Um Estudo de Caso no Estado do Pará**. Belém, 2005. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Pará.

COSTA, Vera Lúcia de Menezes **Esporte de Aventura e Risco na Montanha**. Manole, Barueri, 2000.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **A Descoberta do Fluxo: A psicologia do envolvimento com a vida cotidiana**. Ricco, Rio de Janeiro, 1999.

DIAS, C. A. G. **Notas e definições sobre Esporte, Lazer e Natureza**. Licere, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, dez/2007.

FESTCOALCINHAS. Festival Cocalcinhas Mulheres de Pedra. (festcocalcinhas.wixsite.com) acesso em 02/11/2017 às 11:03 hs.

FRANCO, L.C.P. **Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física**. Phorteeditora, São Paulo, 2013.

IMMONEN, T. *et al.* Understanding Action and Adventure Sports Participation – An Ecological Dynamics Perspective. **Sports Medicine-Open**, 2017 Dec; 3(1): 18 PubMed.

GOOUTSIDE. Rochas, Flores e Calcinhas. (<http://gooutside.com.br/rochas-flores-calcinhas/>) acesso em 02/11/2017 às 10:48 hs.

LAVOURA, T. N.; SCHWARTZ, G. M.; MACHADO, A .A. Aspectos Emocionais da Prática de Atividades de Aventura na Natureza: a (re)educação dos sentidos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**. São Paulo, v. 22, n. 2, p. 119-127, abr/jun. 2008.

MASSETTO, S. T.; MORETTI, A. R. **Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física**. Phorte editora, São Paulo, 2013.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29ª ed. Vozes, Petrópolis, RJ. 2004.

PAIXÃO, J. A. *et al.* Prática de Parapente e Comportamentos de Risco: Uma Análise a Partir do Conceito de Redoma Sensorial. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 3, p. 567-574, jul/set 2010.

PAIXÃO, J. A.; TUCHER, G. Risco e Aventura Por Entre As Montanhas De Minas: A Formação do Profissional De Esporte de Aventura. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 1-19, set/dez. 2010.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I.; RICARDO, D. P. Esportes Radicais, de Aventura e Ação: Conceitos, Classificações e Características. **Revista Corpoconsciência**, Santo André, vol. 12, n. 1, pág. 18-34, jan/jun 2008.

PEREIRA, D. W. **Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física**. Phorte editora, São Paulo, 2013.

PIMENTEL, G. G. A. Esportes na Natureza e Atividades de Aventura: uma Terminologia Aporética. **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**. Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 687-700; jul/set, 2013.

PRÓCHNIAK, P. Adventure Behavior Seeking Scale. **Behavioral Sciences** 2017, 7(2), 35, Department of Psychology, Pomeranian University, Westerplatte 64, Slupsk 76-200, Poland PubMed.

SCHWARTZ, G.M.; FILHO, S. C. (Desin)Formação Profissional e Atividades de Aventura: focalizando os guias do “Rafting”. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 103-109 abr/jun 2006.

SCHWARTZ, G. M. *et al.* Preconceito e Esportes de Aventura: A (não) presença feminina. **Motricidade**, vol. 9, n. 1, pp. 57-68, 2013.

SILVA, E.A.P.C.*et al.* Relação Ser Humano-Natureza: Reflexão e Desafio da Educação Física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 3, p. 1-13, set/dez. 2011.

SPINK, M. J. P. *et al.* Da Exacerbação dos sentidos no Encontro com a Natureza: Contrastando Esportes Radicais e Turismo de Aventura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2005, 18(1), p. 26-38.

TAHARA, A. K.; FILHO, S. C.; SCHWARTZ, G. M. Meio Ambiente e Atividades de Aventura: significado de participação. **Motriz Rio Claro**, v. 12, n.1, p. 59-64 jan/abr. 2006.

TUBINO, Manoel José Gomes **Estudos Brasileiros Sobre o Esporte – ênfase no esporte-educação**. Eduem-UEM. Maringá, 2010.

VIEIRA, Sonia; HOSSNE, W. S. **Metodologia Científica para a área da saúde**. 2ª ed. Elsevier, Rio de Janeiro, 2015.

WEINECK, Jurgen **Atividade Física e Esporte – Para Quê?** Barueri: Manole, 2003.